

## Resposta aos comentários

**Mary Lucy Murray Del Priore**

Departamento de História, Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo

A história dos corpos encarna-se na grande história. Eis a razão desta "corpografia" que procurei construir. "Passeio", como bem a denominou Lilia Schwarcz, por entre carnes, nas suas muitas formas. Passeio, cujo princípio, em se tratando de corpos, foi o prazer e para o qual, talvez, não tenha levado suficiente objetividade e exaustividade.

Os comentários dos colegas enriqueceram com elegância e com sóbria erudição o passeio, transformando-o numa impressionante viagem de iniciação a um novo domínio da história. Todas as observações feitas refletem uma preocupação contínua de precisão e rigor; suas análises múltiplas e minuciosas convergem no sentido único de oferecer maior musculatura metodológica à história do corpo. Algumas contribuições no sentido de relacionar história do corpo e fontes documentais brasileiras, como propôs Renato Venâncio, temas como gênero e homossexualidade associados à história do corpo, mencionados por Margareth Rago e uma tipologia para os estudos sobre o corpo sugerida por Ronald Raminelli, reforçam com brilho a importância do tema. Outras, contudo, revelam tensões no plano das idéias, que gostaria de comentar.

A primeira delas diz respeito à sentida ausência de Foucault, reclamada por Lígia Bellini, Margareth Rago e Ronaldo Vainfas. Filiada à tradição mais ortodoxa da historiografia europeia, não o considero um historiador e sim, um filósofo da história e da historiografia. Ao final dos anos 70, um colóquio promovido pela revista *Magazine littéraire*, reunindo intelectuais do porte de Phillippe Ariès, Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Le Goff e Michel de Certeau não concluiu

sobre a investida interdisciplinar de Foucault. Como diz Ronaldo Vainfas, ele era, então, ignorado pela historiografia francesa, sendo, inclusive, raríssimas vezes mencionado pelos historiadores que cito em meu texto.

Contrariamente a Hegel, que o precedeu na reflexão sobre os diálogos possíveis entre filosofia e história e que opunha firmemente todas as formas de história praticadas por seus contemporâneos à história filosófica - construída a partir de categorias de necessidade, totalidade e finalidade - Foucault tenta pensar uma história que trabalha com as descontinuidades, os "*décalages*", as diferenças. Por esta valorização do descontínuo, a história, tal como vinha sendo praticada, rompe radicalmente com aquela sonhada ou sacralizada pela filosofia. Nos seus textos publicados entre 1969 e 1970 (Foucault 1968; 1969; 1970), ele multiplica as referências ao "trabalho efetivo dos historiadores" cuja característica essencial seria a "utilização regulada da descontinuidade para a análise das séries temporais". Foucault entende estas séries como conjunturas econômicas, movimentos demográficos, mutações sociais articuladas, comandadas por condições de possibilidades próprias a um princípio específico. Seria necessário, pois, articular a irrupção singular e irreduzível do fato histórico às regularidades que governariam as séries temporais, objeto mesmo do trabalho empírico do historiador. E ele concluía, definindo: "C'est par un tel ensemble que cette *analyse des discours* à laquelle je songe s'articule non point certes sur la thématique traditionnelle que les philosophes d'hier prennent encore pour l'histoire "vivante", mais sur le travail effectif des historiens" (Foucault 1970: 59, grifo nosso).

É pela construção de séries homogêneas e distintas que podem ser marcadas pelas descontinuidades e seu surgimento, que Foucault vê emergir o objeto da *wirkliche Historie* definida por Nietzsche. A distância da história filosófica, como da análise estrutural, a história que coloca os fatos em séries a partir do tratamento de arquivos macivos (Foucault cita os mercuriais, as atas notariais, os registros paroquiais, os arquivos portuários) não é a narrativa contínua de uma história ideal à maneira de Hegel ou Marx, nem a revelação de estruturas invariáveis. Por outro lado, como lembra Roger Chartier (1994: 166-157), no momento em que se opera este abandono do hegelianismo, a prática histórica que fortemente contribuíra para torná-la possível, encontra-se, ela também, transformada. A história dos últimos dez ou quinze anos não é mais aquela, ou apenas aquela à qual Foucault queria articular o seu projeto de análise de discursos. A noção mesma de série, que permitia à História desembaraçar-se da referência hegeliana viu-se no centro das revisões contemporâneas, colocando em questão a validade de cortes e procedimentos implícitos numa tal construção do material histórico. A crítica foi dupla. De um lado ela denunciava as ilusões em torno de um projeto de história serial de mentalidades ou das formas de pensamento. Uma tal abordagem parecia redutora na medida em que ela supunha, quer que as realidades intelectuais e culturais fossem boas para contar e quantificar, quer que elas deviam ser capturadas nas suas expressões mais repetitivas e menos individualizadas. Contra esta redução, Chartier propôs uma iniciativa mais atenta às apropriações do que às distribuições, às construções de sentidos que às repartições dos objetos (Chartier 1989). A noção de série, entendida no sentido em que Foucault falava das "séries de discursos", tendo cada uma seu princípio de regularidade e seu sistema de limitações não é forçosamente expulsa desta

história, mas ela encontra-se, certamente, emancipada das definições impostas pelas construções de séries econômicas, demográficas e sociais, necessariamente fundadas no tratamento estatístico de dados homogêneos e repetidos. Outro problema, de acordo com Chartier (1994): aquele da articulação das diferentes séries. Por muito tempo a solução consistia em distribuí-las entre os "níveis" ou "instâncias" supostamente encarregadas de estruturar a totalidade social. Uma tal partição da totalidade social, que era um elemento fundamental da teorização marxista, só pode ser confortada, tanto pela concepção braudeliana de uma temporalidade plural e hierarquizada, distinguindo longa duração, conjuntura e tempo curto, quanto pelas características da abordagem monográfica, que impunha uma classificação simples das diversas realidades (econômicas, sociais, culturais) observadas num dado território. Uma tal maneira de fazer história, que supõe uma definição estável e invariante das diferentes instâncias, identificáveis em qualquer sociedade possível, e que postula uma ordem de determinações que faz dos regimes demográficos, dos funcionamentos econômicos ou das estruturas sociais, o motor da evolução histórica, não é mais aceitável. Por meio de *modalidades diversas, os historiadores esforçaram-se para reconstruir o núcleo de tensões* que constitui uma sociedade, não mais como uma reconstituição global e hierarquizada de suas instâncias, mas por meio de um ponto de acesso particular: um acontecimento, maior ou menor, uma trajetória biográfica, a história de uma comunidade, a singularidade de uma prática. Donde uma história bem diferente daquela sobre a qual Foucault queria pensar nos fins dos anos 1960.

Não há objeto histórico (medicina, loucura, sexualidade) que pré-exista às relações que os constituem, nem campos de discurso ou de realidades delimitados de maneira fixa. Será, como sugeriu Paul Veyne (1978: 236), identificando as partilhas e exclusões que configuram os objetos, que a história pode pensá-los, não como expressões circunstanciadas de um categoria universal, mas como "constelações individuais". Deslocar, pois a definição dos objetos conduz, necessariamente, a refletir sobre as formas de sua escritura. Michel de Certeau reconheceu com sensibilidade as dificuldades e perigos que implicam, para a escrita da história, o acento sobre o papel fundador de práticas sem discurso: "Quand, au lieu d'être un discours sur d'autres discours qui l'ont précédée, la théorie se risque dans des domaines non verbaux ou préverbaux où ne se rencontrent que des pratiques sans discours d'accompagnement, certains problèmes surgissent. Il y a un brusque changement et la fondation, d'ordinaire si sûre, qu'offre la langue fait alors défaut. L'opération théorique se retrouve soudain à l'extrémité de son terrain normal, telle une voiture parvenue au bord de la falaise. Au-delà, il n'y a plus que la mer. Foucault travaille au bord de la falaise, essayant d'inventer un discours pour traiter de pratiques non discursives" (Certeau 1987: 44).

Outro ponto de tensão a esclarecer encontra-se na pouco problematizada confluência entre História e Antropologia, sublinhada por Lilia Schwarcz, Lígia Bellini e Hilário Franco Jr. Confluência, que no mais das vezes deságua, caudalosa, entre incertezas e complexidades. Como definir os limites da história antropológica? Como dar especificidade aos objetos que são por ela examinados? A dificuldade da complexidade é aquela de enfrentar uma incerteza conceitual (ou metodológica) em relação aos nossos hábitos de pensamento, que nos faz acreditar numa resposta clara e distinta para todos os problemas. Ao

método cartesiano que nos ensina a dividir as dificuldades e a tratá-las, uma por uma, responde um outro método, para quem o conhecimento das partes só tem sentido se as conectamos ao conhecimento de um todo que, enquanto todo, merece ser estudado em si mesmo. A complexidade está no imbricamento que nos adverte contra tratar coisas em pedaços, ou em partes, pois recortados os fenômenos que ligam as partes, só obtemos um conhecimento mutilado. O problema da complexidade aparece ainda porque hoje fazemos história a partir de realidades em que, além das determinações, das estabilidades, das repetições e dos ciclos, encontramos perturbações, titilamentos, rupturas e aparecimento do novo. Em toda a complexidade existe a presença de incertezas, empíricas ou teóricas, e mais comumente, empíricas e teóricas (Morin 1993: 21). A história do corpo, como procurei demonstrar através dos vários autores comentados, encontra-se justamente na encruzilhada de tantas complexidades empíricas e teóricas.

Para termos maior clareza daquilo que consideramos *história do corpo*, conceituação, aliás, dispensada pelos autores tratados em meu texto, talvez seja necessário voltar à abordagem desta que vem sendo muito utilizada em interpretações sobre a sexualidade, a família, a mulher, o homossexualismo, a criança, etc.: a antropologia histórica. Conhecida na França desde o início dos anos 70, não se sabe bem no que consiste: trata-se de um campo temático, de uma orientação metodológica ou de uma nova concepção da História? Estas múltiplas indagações, e mais uma vez, incertezas, vem conduzindo a produção historiográfica sobre o corpo, confundindo os limites entre objeto e abordagem metodológica, misturando as pistas na busca de uma identidade ou de uma especificidade, imbricando temas: afinal, história do corpo ou da sexualidade, perguntam-se Ronaldo Vainfas e Ronald Raminelli? Em artigo recente, André Burguière teve a oportunidade de propor dois encaminhamentos para esta questão (1995: 172):

- Um encaminhamento interno ao pensamento histórico, que faria da antropologia histórica o simples coroamento da noção de mentalidades tal como ela foi concebida e proposta para uso dos historiadores, pelos fundadores dos *Annales* (como Marc Bloch e Lucien Febvre).

- um encaminhamento externo que tem a ver com o contacto entre as diferentes disciplinas. Nos anos 70, a história articula-se com a antropologia à qual o sucesso do estruturalismo de Lévi-Strauss dera novo carisma; tratava-se, então, de uma aliança privilegiada como ela já fizera, na primeira fase dos *Annales* com a geografia ou a economia.

A proximidade dos historiadores com o estruturalismo levistraussiano (explica Burguière) foi mais metodológica do que teórica. O que atraía os historiadores, como ilustra o número dos *Annales* sobre "Histoire et structure" (1971), não era a posição filosófica denunciada pelos marxistas; era, sim, seu aporte metodológico que convidava a preferir ao estudo da lógica interna de um texto, de um dispositivo social, institucional, mitológico, a exploração do contexto, quer dizer, dos fatores externos. Mas se observamos os empréstimos feitos pelos historiadores à etnologia, no momento em que se constituía a antropologia histórica, percebemos que estes mostram-se de um grande oportunismo: eles emprestam, de acordo com suas necessidades, métodos, conceitos, elementos temáticos, etc. Esta apropriação de conceitos e métodos que permitiam ao historiador alcançar

uma compreensão total da sociedade, atenta às variações (e às invariantes) no agenciamento dos fatos sociais e mentais, em muito colaborou para a indefinição dos objetos estudados. Daí a sensação de que os historiadores do corpo estejam à espera de uma melhor definição das próprias metodologias com as quais estão lidando para articular "novos e restritos objetos" e "objetos mais amplos e tradicionais", como deseja Hilário Franco Jr., ou fazendo do corpo um "fato social total", como sugere Renato Venâncio. Daí que uma melhor definição metodológica acabe por iluminar, simultaneamente, o próprio objeto. E vice-versa.

Mas valerá a pena falar em definição, quando assistimos ao fim das certezas e das definições? Não vivemos, hoje, a privação de referências? Engajar-se é apostar, pois a incerteza, a complexidade e a perplexidade descobrem-se, cotidianamente, como a verdadeira dimensão ontológica do homem. Com o refluxo aparente e consciente das "ideologias", os valores individualistas encontraram uma nova juventude: o culto ao corpo, o hedonismo de consumo, a sacralização da saúde e do "look", o retorno ao donjuanismo, o reino do critério eminentemente individualista da autenticidade. Na arte, vemos explodir o mito da espontaneidade e o culto da sinceridade: uma estética individualista atravessa todas as formas de expressão. A morte que a sociedade oculta, ou com a qual ela convive com negligente intimidade, nunca suscitou tantos textos. O individualismo continua a progredir na medida econômica dos países ricos e a idéia de dor e morte evolui na mesma progressão. Mercantilizam-se os doentes e o corpo virou mercadoria. Philippe Ariès lembra bem que a morte cheia de tubos num leito de hospital aterroriza mais hoje do que a morte medieval; trata-se de mergulhar o doente - nunca um "moribundo" - num embrutecimento progressivo. Depois, ao amanhecer, pois é mais fácil para os enfermeiros e as formalidades, desligam-se os tubos. Os mortos sofrem, em nossa sociedade, um parto da morte. Não se morre mais, como antigamente, diante de todos, pacificado pelo último adeus, pelos últimos sacramentos. Nesta simples perspectiva, para além das definições ou da sua complexidade empírica e teórica, o corpo é objeto tão mais importante para os historiadores quanto ele define o *locus*, por excelência, de aventuras e desventuras.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- ACKERKNECHT, Erwin H. *Medicine and Ethnology*. Bern: Verlag Hans Huber, 1971.
- ALPERS, Svetlana. Is art history? *Dedalus*, p.1-13, 1977.
- ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Org.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e a sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução por Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec/ Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BARASCH, Moshe. *Giotto and the language of gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BARDET, Jean-Pierre. *Rouen aux XVIIe et XVIIIe siècles: les mutations d'un espace social*. Paris: SEDES, 1983. 2v.
- BAXANDALL, Michael. *Painting and experience in fifteenth century Italy*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- BELLINI, Lígia. *Representations of the human body in sixteenth century Portugal*. Essex, 1992. Tese (Doutorado) - University of Essex.
- BERGER, John. *Ways of seeing*. London: Penguin Books/ Harmondsworth: BBC, 1987.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOSWELL, John. *Cristianity, social tolerance and homosexuality: gay people in western Europe from the beginning of the Christian era to the XIVth century*. Chigago: The University of Chigago Press, 1980.
- BOTTÉRO, Jean. L'amour libre à Babylone et ses servitudes. In: POLIAKOV, L. *Le couple interdit*. Paris: La Haye-Mouton, 1979.
- BROWN, Peter. *The body and society: men, women and sexual renunciation in early cristianity*. New York: Columbia University Press, 1988 (ed. bras. Rio de Janeiro: Zahar, 1990).
- BUGGE, J. *Virginitas: an essay in the medieval ideal*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1975.
- BURGUIÈRE, André. L'Anthropologie historique. In: LE GOFF, Jacques (Org.) *La Nouvelle Histoire*. Paris: Complexe, 1988.
- BURGUIÈRE, André. Corpo. In: *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.175-180.

- BURGUIÈRE, André. L 'Anthropologie historique. In: BÉDARIDA, Jacques (Org.) *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. Comentário II. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, n.sér., n.1, p.35-40, jan./dez. 1993.
- CÉARD, Jean et al. *Actes du Colloque de Tours 1987*. Paris: Aux amateurs des livres, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987.
- CHARTIER, Roger. Histoire intellectuelle et histoire des mentalités: trajectoires et questions. *Revue de synthèses*, 1983.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CHARTIER, Roger. Le monde comme représentation. *Annales, économie, sociétés, civilisation*, Paris, 1989.
- CHARTIER, Roger. Philosophie et histoire: un dialogue. In: BÉDARIDA, Jacques (Org.) *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: ensaios de antropologia política*. Tradução por Carlos Eugênio Marcondes Moura. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CLIFFORD, James. *The predicament of culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- CLIFFORD, James, MARCUS, G. *Retóricas de la modernidad*. Madrid: Jucar, 1991.
- CORBIN, Alain. *Les Filles de Noce: misère et prostitution à Paris au 19e et 20e siècles*. Paris: Seuil, 1978.
- CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (ed. original 1982).
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- CRESPO, Jorge. *História do corpo*. Lisboa: Difel, 1990.
- DAVIS, Natalie. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. *Revista USP*. São Paulo, n.23, p.48-55, set./nov. 1994. (Dossiê Nova História)
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos feministas*, Rio de Janeiro (CIEC/UFRJ), v.2, n.2, 1994.
- DUBY, Georges. Histoire des mentalités. In: SAMARAN, Georges (Dir.) *L'Histoire et ses méthodes*. Paris: Gallimard, 1961.
- DUBY, Georges. *L'Histoire*, n.63, 1984.
- DUPÂQUIER, Jacques. *La population française en région parisienne du XVIIIe au XIXe siècles*. Pontoise: s.n. 1982.
- DURIEF, Christine. Corps interne et physiologie profane. *Ethnologie française*, t.22, n.1, jan./mars 1992. (Corps, maladie et société).
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ENGELS, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição na cidade do Rio de Janeiro no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Lisboa: Início, 1970. (Biblioteca Evolução da Humanidade). (ed. orig.1942).
- FEHER, Michel, NADDAFF, Ramona, TAZI, Nadia (Eds.) *Fragments for a history of the human body*. New York: Zone Books, 1989. 3v.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *Le sexe et l'Occident*. Paris: Seuil, 1981. (ed. bras. São Paulo: Brasiliense, 1988).
- FLANDRIN, Jean-Louis. *Un temps pour embrasser: aux origines de la morale sexuelle occidentale (VI-XI e siècle)*. Paris: Seuil, 1983.
- FOUCAULT, Michel. Réponse au Cercle d'Épistémologie, *Cahiers pour l'analyse*, 1968.
- FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977a.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977b. v.1 (ed. original 1976).



- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v.2.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v.3.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977c.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- GALLAGHER, C., LAQUEUR, T. (Ed.). *The making of the modern body: sexuality and society in the nineteenth century*. Berkeley: Calif, 1987.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Tradução por Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. *Local knowledge: further essays in interpretative anthropology*. New York: Basic Books, 1983.
- GENT, Lucy, LLEWELYN, Nigel (Ed.) *Renaissance bodies: the human figure in English culture c.1540-1660*. London: Reaktion Books, 1990.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução por Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (ed. original 1986).
- GINSBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOODICH, Michael. *The unmentionable vice: homosexuality in the medieval period*. Santa Barbara, Oxford: ABC-Clio, 1979.
- HARCOURT, Glenn. *Andreas Vesalius and anatomy of Antique sculpture. Representations*, Berkeley, Calif., n.17, p.28-61, 1987.
- HENRETTA, James A. *Social History as lived and written. American historical review*, v.84, n.5, Dec. 1979.
- HODGES, D. L. *Renaissance fictions of anatomy*. Amheest, 1985. Cap.1
- HONIG, Elizabeth. *In memory: Lady Dacre and pairing by Hans Ewort*. In: GENT, L., LLEWELLYN, N. (Ed) *Renaissance bodies: the human figure in English culture c.1540-1660*. London: Reaktion Books, 1990. p.60-85.

- HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. Tradução por Augusto Abelaira. Lisboa: Verbo/ São Paulo: EDUSP, 1978. (ed. orig. 1919).
- JACQUART, Danielle; MICHEAU, Françoise. *La médecine arabe et l'Occident médiéval*. Paris: Maisonneuve et Larose, 1990.
- JORDANOVA, Ludmila J. The social sciences and history of science and medicine. In: CORSI, P., WEINDLING, P. (Ed.) *Information sources in the history of science and medicine*. London: Butterworth Scientific, 1983. p.81-96.
- JORDANOVA, Ludmila J. Gender, generation and science: William Hunter's obstetrical atlas. In: BYNUM, W.F., PORTER, R. (Eds.) *William Hunter and the eighteenth century medical world*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.385-412.
- JORDANOVA, Ludmila J. *Sexual visions: images of gender in science and medicine between the eighteenth and twentieth centuries*. New York/ London: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- JORDANOVA, Ludmila J. Medicine and visual culture. *Social history of medicine*, n.3, p.89-99, 1990.
- KAPPLER, Claude. *Monstres, démons et merveilles ... la fin du Moyen Age*. Paris: Payot, 1980.
- KIPLE, K. F. The nutritional link whit slave infant child mortality in Brazil. *The Hispanic American historical review*, v.69, n.4, p.678, 1989.
- KNIBIEHLER, Yvonne, FOUQUET, Catherine. *La femme et les médecins*. Paris: Hachette, 1983.
- L'IMAGE du corps humain dans la littérature et l'histoire médiévales. Nice: Razo, 1981. (Cahiers du Centre d'Etudes Médiévales de Nice, 2).
- LAQUEUR, Thomas. Orgasm, generation and the politics of reproductive biology. *Representations*, Berkeley, Calif., n.14, p.1-41, 1986.
- LAQUEUR, Thomas. *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud* (by the (President and Fellows of the Harvard College). Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1990.
- LASLETT, Peter. Age at menarche in Europe since the eighteenth century. In: RABB, Theodore, ROTBERG, Robert. *The family in History: interdisciplinary essays*. New York: Happer Torchebooks, 1973.
- LEFORT, Claude. *As formas da história*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LEBRUN, François. *La vie conjugale sous l'Ancien Régime*. Paris: A. Collin, 1975. (Collection Prisme).
- LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (Dir.) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

- LE GOFF, Jacques. *Pour un autre Moyen Age: temps, travail et culture en Occident: 18 essais*. Paris: Gallimard, 1977.
- LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger, REVEL, Jacques (Dir.) *La Nouvelle Histoire*. Paris: C.E.P.L., 1978.
- LE ROY LADURIE, Emmanuel. L'aménorrhée de famine (XVIIe-XXe siècles). In: *Le territoire de l'historien*. Paris: Gallimard, 1973.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 193-214. (Biblioteca Tempo Universitário, 7).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: *Antropologia estrutural dois*. Tradução por Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Vème Conférence Marc Bloch. *Annales, économies, sociétés, civilisations*, Paris, v.38, n.6, nov./déc. 1983.
- MACDONALD, Michael. Anthropological perspectives on the history of science and medicine. In: CORSI, P., WEINDLING, P. (Eds.) *Information sources in the history of science and medicine*. London: Butterworth Scientific, 1983. p.61-80.
- MACHADO, Roberto. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACLEAN, Ian. *The Renaissance notion of woman: a study in the fortunes of scholasticism and medical science in European intellectual life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- MCLAREN, Angus. *Reproductive rituals: the perception of fertility in England from the sixteenth century to the nineteenth century*. London/New York: Methuen, 1984.
- MAURIZIO, A. Histoire de l'alimentation végétale depuis la préhistoire jusqu'à nos jours. Paris: Payot, 1932.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: *Sociologia e Antropologia*. Tradução por Lamberto Puccinelli. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974. 2v. (ed. original 1950).
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. Tradução por Lamberto Puccinelli. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974. (ed. original 1950).
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Comentário III. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, n.sér., n.1, p.41-46, jan./dez. 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- MORIN, Edgard. Edgard Morin, philosophe de l'incertain. *Magazine littéraire*, n.312, juil.-août 1993.
- NOCHLIN, Linda. Women, art, and power. In: BRYSON, N., HOLLY, M. A., MOXEY, K. (Eds.) *Visual theory*. Cambridge: Polity Press, 1991. p.13-46.
- NOONAN, J.T. *Contraception et mariage: évolution ou contradiction dans la pensée chrétienne?* Paris: Cerf, 1969.
- O'BRIEN, Patricia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, L. (Org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OUTRAM, Dorinda. *The body and the French Revolution: sex, class and political culture*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p.291-326.
- PRICE, Richard. *First-time: the historical vision of an Afro-American people*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1983.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo social: revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.7, n.1-2, out. 1995.
- REDONDO, Augustin (Org.) *Le corps dans la société espagnole des XVIe et XVIIe siècles*. In: Colloque international Sorbonne: études réunies et présentées, 1988. Paris: Publications de la Sorbonne, 1990.
- REVEL, Jacques, PETER, Jean Pierre. Le corps: l'homme malade et son histoire. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (Org.) *Faire l'Histoire: nouveaux objets*. Paris: Gallimard, 1974. v.3.
- RIBEIRO, Renato Janine. Os riscos de uma nova ortodoxia. *Revista USP*, n.23, set./nov. 1994.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
- ROSSIAUD, Jacques. *La prostituzione nel Medioevo*. Bari: Laterza, 1984.
- ROTBERG, Robert I., RABB, Theodore K. *Art and history: images and their meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ROUSSELLE, Aline. *Porneia: de la maîtrise du corps à la privation sensorielle (II-IV siècles de l'ère chrétienne)*. Paris: Presses universitaires de France, 1983.
- SAHLINS, Marshall. *Ilbas de história*. Tradução por Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SALIBA, Elias Thomé. Comentário I. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, n.sér. n.1, p.31-34, jan./dez. 1993.

- SANT'ANNA, Denise B. de (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SAWDAY, Jonathan. The fate of Marsyas: dissecting the renaissance body. In: GENT, L., LLEWELLYN, N. (Ed.) *Renaissance bodies: the human figure in English culture c.1540-1660*. London: Reaktion Books, 1990. p.111-135.
- SCHIEBINGER, Londa. Skeletons in the closet: the first illustrations of the female skeleton in nineteenth century anatomy. *Representations*, Berkeley, Calif., n.14, p.42-82, 1986.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Les revenants: les vivants et les morts dans la société médiévale*. Paris: Gallimard, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Entre amigas: relações de boa vizinhança. *Revista USP*, n.23, set./nov. 1994.
- SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. Tradução por Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução por Lygia Araujo Watanabe. 2.reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SENNETT, Richard. *Flesh and stone: the body and the city in the western civilization*. Boston: Faber & Faber, 1994.
- SHORTER, Edward. *A history of women's bodies*. London: Allan Lane, 1983.
- SIGERIST, Henry E. *A history of medicine*. New York: Oxford University Press, 1951. v.1 (Primitive and Archaic medicine).
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Fome e conflito social: uma história que vem de longe. *Ciência hoje*, São Paulo, v.17, n.100, p.39-43, 1985.
- SOLÉ, Jacques. *L'Amour en Occident à l'époque moderne*. Paris: Albin Michel, 1976.
- STAFFORD, Barbara Maria. *Body criticism: imaging the unseen in enlightenment art and medicine*. Massachusetts: MIT, 1991.
- STEINBERG, Leo. *The sexuality of Christ in Renaissance art and in modern oblivion*. Nova York: Pantheon, 1983.
- TAUSSIG, Michael. *Shamanism, colonialism: a study in terror and healing and the wild man*. Chicago: The Chicago University Press, 1987.
- TEMKIN, Owsei. Metaphors of human biology. In: STAUFFER, R.C. (Ed.) *Science and civilization*. Madison: University of Wisconsin Press, 1949. p.167-194.
- TRUSSEL, James, STECKEL, Richard. The age of slaves at menarche and their first birth. *Journal of interdisciplinary history*, Cambridge, Mass., v.8, n.477, 1978.

VAINFAS, Ronaldo. *História da sexualidade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VALÉRY, Paul. *O arquiteto*. Tradução por Olga Reggiani. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. Tradução de: Eupalinos.

VEYNE, Paul. *L'Histoire*, n.63, 1984.

VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire: essai d'épistémologie*. Paris: Seuil, 1971.

WILSON, Luke. William Harvey's prelections: the performance of the body in the Renaissance theater of anatomy. *Representations*, n.17, p.62-95, 1987.